

William Boyd

# A Solo

Tadução  
Luís Santos





# **Parte Um**

## **Arrombamento**



# 1

## **As responsabilidades começam nos sonhos**

James Bond estava a sonhar. Curiosamente, percebeu de imediato onde e quando o sonho decorria – estava na guerra, era muito jovem e percorria uma alameda campestre na Normandia, um carreiro de terra entre densas sebes de espinheiro. No sonho, Bond virou uma esquina e, numa vala rasa ao lado da estrada enlameada, viu amontoados os cadáveres encharcados de três paraquedistas britânicos. Com algum choque, fez uma pausa instintiva para os observar – de uma maneira estranha, aquela massa inerte parecia fazer parte da terra, uma qualquer excrescência vegetal a germinar, em vez de seres humanos – mas um berro furioso vindo da retaguarda lembrou-o de continuar em movimento. Além da vala, um camponês seguia atrás da parelha de cavalos, lavrando o terreno como se não houvesse uma guerra a decorrer, como se aqueles mortos e a diminuta patrulha de comandos que percorria, inquieta e alerta, o aceiro da quinta nada tivessem que ver com a sua vida e com o trabalho.

Bond acordou e sentou-se na cama, preocupado e perturbado com o sonho, com a sua intensa clareza e assustadora precisão. Sentia o coração a bater com força, como se ainda estivesse a andar naquela estrada enlameada, passando ao lado

dos paraquedistas mortos e a caminho do seu objetivo. Pensou na situação: era capaz de a identificar ao pormenor – o final da manhã de 7 de junho de 1944, o dia seguinte à invasão da França – o Dia D mais um. Porque estaria a sonhar com a guerra? Bond raramente se aventurava na floresta assombrada da memória onde guardava as recordações desse tempo. Passou as mãos pelo cabelo e engoliu, sentindo a garganta seca e sensível. Demasiado álcool na véspera? Levou a mão ao copo com água que tinha na mesa de cabeceira e bebeu algumas goles. Recostou-se e pensou mais um pouco nos acontecimentos de 7 de junho de 1944.

Bond esboçou um sorriso sombrio, levantou-se da cama e dirigiu-nu à casa de banho privativa do quarto. O Dorchester tinha os chuveiros mais poderosos de Londres e ali, debaixo dos jatos de água como agulhas, sentindo a pele a reagir à pressão quase dolorosa, deixou que as memórias traumáticas desse dia de 1944 se escoassem lentamente. Girou a torneira para a água fria durante os últimos vinte segundos do duche e começou a pensar no pequeno-almoço. Deveria tomá-lo no quarto ou lá em baixo? Lá em baixo é tudo mais fresco, concluiu.

Bond barbeou-se e vestiu um fato azul-escuro com camisa azul-clara e gravata preta de seda. Ao apertar o nó no pescoço regressaram-lhe mais pormenores indesejados do sonho. Tinha dezanove anos na altura e era tenente do Ramo Especial da Real Reserva de Voluntários Navais, associado como «observador» à BRODFORCE, parte da Unidade de Assalto 30 (UA 30), uma tropa de comandos de elite com a missão específica de capturar segredos inimigos: documentos, ficheiros e dispositivos de codificação – o saque legítimo que restava na sequência de uma batalha. Bond procurava uma versão nova da máquina

de cifra da Wehrmacht, esperançado que isso criasse surpresa e ajudasse a evitar destruição.

Vários pequenos destacamentos da UA 30 foram desembarcados nas praias da Normandia no Dia D e nos dias que se seguiram. A BRODFORCE era o mais pequeno, apenas dez comandos com um oficial, o major Niven Brodie, e o tenente Bond. Tinham chegado à costa uma hora antes da alvorada e desembarcado no Setor Jig da praia «Ouro», sendo levados para o interior num camião do exército, a caminho da vila de Sainte-Sabine, perto do Chateau Malflacon, a sede das SS naquela região da Normandia. Deixaram o transporte com uma unidade avançada de infantaria canadiana e seguiram a pé pelas alamedas estreitas da *bocage* normanda, até às profundezas do campo. O avanço para o interior a partir da «Ouro» fora tão rápido que não havia uma linha da frente propriamente dita. A BRODFORCE ultrapassava as forças britânicas e canadianas, e avançava a toda a velocidade em busca do saque que os pudesse esperar no Chateau Malflacon. Tinham então visto os paraquedistas mortos e fora o major Brodie que ordenara a Bond que continuasse a andar...

Bond penteou-se, puxando para trás a madeixa que insistia em cair-lhe para a testa, como se tivesse vida própria. Talvez devesse mudar de penteado, pensou, ociosamente, como aquele apresentador de televisão – como é que se chamava? – e pentear o cabelo para a frente, com uma franja curta, sem se preocupar com o risco, seguindo a moda da época. Não, decidiu, *pas mon style*. Voltou a engolir em seco – doía-lhe *mesmo* a garganta. Saiu do quarto, trancou a porta e atravessou o corredor, a caminho do elevador. Pressionou o botão para o chamar, pensando, em ovos mexidos e *bacon*, muitas canecas de café, um cigarro, isso sim ia deixá-lo a cem por cento.

As portas do elevador abriram-se.

– Bom dia – cumprimentou-o a voz de uma mulher, no interior.

– Bom dia – respondeu Bond automaticamente ao entrar no elevador. Reconheceu de imediato o aroma inesquecível a baunilha e a íris do *Shalimar*, da Guerlain; inesquecível por ser o perfume que a mãe costumava usar. Era como abrir uma porta para a infância. Que grande quantidade de passado o visitava naquele dia, pensou Bond, desviando o olhar para o cruzar com o da mulher de pé ao canto. Ela ofereceu-lhe um sorriso excêntrico, de sobranceira erguida.

– Parabéns? – aventou ela.

– Como sabe que faço anos? – Bond imaginou que tivesse conseguido afastar o tom de surpresa da voz.

– Foi só um palpite – adiantou a mulher. – Percebi que ontem à noite estava a comemorar alguma coisa. Eu também estava... conseguimos sentir essas coisas. Quem celebra, a celebrar.

Bond levou os dedos ao nó da gravata e pigarreou, enquanto se recordava. Na véspera, a mulher estivera na sala de jantar, a algumas mesas da dele.

– Sim – admitiu Bond, com uma certa lástima. – Realmente faço anos... – Estava a ganhar alguns segundos, enquanto a mente começava a trabalhar. Definitivamente, naquela manhã ainda estava um pouco lento. O elevador foi gemendo até chegar ao átrio. – Então... e o que é que *você* estava a celebrar? – perguntou. Já se lembrava, ambos tinham estado a beber champanhe, erguendo ao mesmo tempo os copos num brinde, um ao outro, em cada ponta da sala.

– O quarto aniversário do meu divórcio – explicou ela, num tom seco. – É uma tradição que tenho. Ofereço-me coquetéis, jantar, champanhe e uma noite numa suíte do Dorchester... e depois mando-lhe a conta.

Era uma mulher alta e esguia, na casa dos trinta, segundo imaginou Bond, com um rosto atraente de feições vincadas e cabelo forte louro-escuro penteado para trás, caindo-lhe em curva sobre os ombros. Olhos azuis. Escandinava? Usava um macacão de malha azul-escura de peça única, com um fecho dourado exuberante que lhe subia desde o baixo-ventre até ao pescoço. O tecido era tão justo que lhe revelava completamente as formas dos seios. Bond permitiu que a natureza daquela apreciação carnal se lhe revelasse nos olhos por uma fração de segundo e notou a resposta dos olhos dela: mensagem recebida.

Chegado ao rés do chão, as portas do elevador abriram-se com um retinir abafado.

– Tenha o resto de um bom dia – desejou ela com um sorriso rápido enquanto saía para o átrio vasto.

Na sala de jantar, Bond pediu quatro ovos mexidos e meia dúzia de fatias de *bacon* bem passado. Enquanto aguardava pela chegada do pequeno-almoço, bebeu um longo gole de café forte e acendeu o primeiro cigarro do dia.

Fora instalado na mesma mesa da véspera. A mulher encontrava-se à sua esquerda, a três mesas de distância, e num ângulo tal que se Bond virasse ligeiramente a cabeça podiam ver-se na perfeição. Ao início do serão, Bond tomara dois martinis secos no Fielding's, o casino privado onde conseguira perder quase cem libras ao *chemin de fer* em cerca de vinte minutos, mas não deixou que isso lhe estragasse a noite. Pedira uma garrafa de *Taittinger Rosé* de 1960 para acompanhar a entrada de vieiras fritas em molho de *beurre blanc* e, ao erguer o copo num brinde a si próprio – desejando-se em silêncio um feliz quadragésimo quinto aniversário –, avistara a mulher a levantar o copo de champanhe num brinde pessoal idêntico.

Tinham cruzado o olhar – Bond encolhera os ombros, sorriu e fizera-lhe um brinde, divertido. Ela retribuía o gesto e Bond não voltara a pensar no caso. Ela saía quando Bond se ocupava a avaliar a garrafa de *Chateau Batailley* de 1959 que pedira para acompanhar o prato principal – lombo de vaca mal passado com *pommes dauphinoises* –, pelo que não lhe prestara atenção quando passara junto à sua mesa, tendo registado apenas que era alta e loura, usava um vestido creme e tinha sapatos com saltos dourados baixos e largos que refletiam o brilho das luzes das mesas enquanto ela atravessava a sala de jantar.

Polvilhou os ovos mexidos com pimenta. Um bom pequeno-almoço era o primeiro componente essencial para dar um início favorável ao dia. Dissera à secretária que ia tirar o dia de folga – parte do presente para si próprio. Seria tão difícil lidar com o quadragésimo quinto aniversário tendo de enfrentar a perspectiva do trabalho rotineiro como passar sem um pequeno-almoço decente. Pediu mais café – o líquido quente estava a aliviar-lhe a garganta. Era estranho ter encontrado aquela mulher no elevador, pensou, e ainda mais que ela tivesse adivinhado que se tratava do seu aniversário... Uma coincidência engraçada. Recordou uma das primeiras regras da sua profissão: se parece uma coincidência, o mais provável é não o ser. Contudo, a vida *estava* cheia de coincidências genuínas, pensou, não havia como negá-lo. E era uma mulher muito atraente. Gostava da maneira como ela usava o cabelo. Penteados, mas com um ar natural.

O chefe de mesa ofereceu a Bond um exemplar do jornal *The Times*. Bond olhou para a manchete – «Ofensiva Vietcongue Travada com Muitas Baixas» – e recusou. Hoje, não, obrigado. Aquele fecho na frente da roupa – o macacão – era um desafio, uma provocação, a pedir para ser aberto. Bond sorriu para com

os seus botões ao imaginar-se a fazê-lo e bebeu mais café – a velha raposa ainda não tinha morrido.

Bond voltou ao quarto e ensacou o fato, a camisa e a roupa interior da véspera. Agarrou no saco e confirmou que não tinha deixado ficar nada. Precisava de aspirinas para a dor de garganta, pensou: o café acalmara-a momentaneamente, mas agora sentia-a áspera e custava-lhe a engolir. Gripe? Talvez uma constipação – graças a Deus, não tinha febre. Claro que tinha o dia para usufruir à sua vontade – precisava de tratar de algumas coisas necessárias, mas prometera-se muitas prendas de aniversário.

Na receção, um grupo de uma dúzia de turistas japoneses tinha-se juntado para pedir a conta. Bond tirou a cigarreira e, ao levar um cigarro à boca, notou, com uma certa dose de preocupação, que devia ter fumado mais de trinta cigarros na noite anterior. Enchera a cigarreira antes de ir para o casino. Mas aquele dia não se destinava a pensamentos de disciplina e redução de vícios, disse para consigo, não, não – era um dia de pura autoindulgência –, e depois, quando procurava o isqueiro no bolso, voltou a sentir o aroma do *Shalimar* da Guerlain e a ouvir a voz da mulher.

– Importa-se que lhe peça lume?

Quando Bond lhe acendeu o cigarro, ela firmou-lhe a mão com dois dedos. Tinha um pequeno saco de viagem de pele creme aos pés. Também estava de saída – coincidência...? Bond acendeu o seu próprio cigarro e fitou-a. Ela soprou o fumo pelo canto da boca e sustentou-lhe o olhar, imperturbável.

– Está a seguir-me, ou sou eu que o sigo a si? – indagou.

– É verdade, estamos a cruzar-nos muito – replicou Bond. Estendeu a mão. – Chamo-me Bond, James Bond.

– Bryce Fitzjohn – respondeu ela, e apertaram as mãos. Bond reparou que as unhas eram curtas e sem verniz... gostava disso... e que tinha um aperto firme. – Celebra sempre o aniversário sozinho? – perguntou.

– Nem sempre – respondeu Bond. – Mas este ano não me apetecia ter companhia.

A mulher ergueu o olhar quando a falange de turistas se começou a afastar.

– Já não era sem tempo – exclamou ela. Havia um ligeiro sotaque, pensou Bond. Bryce Fitzjohn... Irlandesa?

– Depois de si – adiantou Bond.

Ela abriu a mala e tirou um cartão, que ofereceu a Bond.

– Termino a celebração do meu divórcio com uma festa. É esta noite, em minha casa. Vão lá estar algumas pessoas divertidas e interessantes. Se quiser, é muito bem-vindo. Começamos às seis e depois vemos como correm as coisas.

Bond aceitou o cartão – agora soava-lhe na mente um ligeiro sinal de alarme. O convite era declarado; os olhos azuis eram sinceros. Gostava de o ver outra vez, era a mensagem – e talvez possa haver algum divertimento sexual, era o que ficava subjacente.

Bond esboçou um sorriso apologético, e guardou o cartão no bolso.

– Receio ter o dia todo ocupado – explicou. – Infelizmente.

– Não faz mal – retorquiu ela alegremente. – Talvez nos encontremos aqui no ano que vem. Adeus, Mr. Bond.

Dirigiu-se à receção, com Bond a observar-lhe a perfeição elegante da silhueta, vista de trás. Fora o mais correto a fazer em termos de decência, mas ainda assim interrogava-se se teria sido demasiado precipitado ao negar-se de modo tão inequívoco...

Bond apanhou um táxi para o seu apartamento em Chelsea. Quando o veículo entrou em Sloane Square sentiu-se animado. Sloane Square e Albert Bridge eram os dois locais de Londres que lhe aqueciam o coração sempre que os via, dia ou noite, em qualquer altura do ano – eram sinais de que estava a chegar a casa. Gostava de viver em Chelsea – «aquele *spielraum* folhoso e tranquilo... onde trabalhava e divagava». Quem dissera isso...? Bem, pensou, dizendo ao taxista para parar antes da frondosa Wellington Square, quem quer que tivesse sido, concordava com o sentimento. Encaminhou-se para a praça e dirigiu-se à porta de sua casa. Procurava as chaves no bolso quando a porta se abriu e Donalda, a governanta, lhe apareceu.

– Ah, ainda bem que o senhor voltou – declarou ela. – Temos uma crisezinha entre mãos... os pintores encontraram bolor na sala.

Bond seguiu Donalda para o interior do apartamento, deixando a mala no *hall*. Já estava com ele há seis meses – era sobrinha de May, a sua fiel governanta de longa data, que finalmente, embora com relutância, se aposentara, decisão influenciada pela artrite cada vez mais acentuada. Fora May quem sugerira Donalda. «É melhor manter as coisas em família, Mr. James», sugerira ela. «Somos muito chegadas.» Donalda era uma jovem magra de aspeto austero dos seus vinte e muitos, de sorriso raro e inseguro. Nunca se maquilhava e usava o cabelo curto com franja – o penteado de uma freira, pensava Bond. Imaginava que com um pouco de esforço, poderia ter uma aparência menos banal e mais atraente, mas a passagem do testemunho das responsabilidades de May fora conseguida de forma tão pouco notória que Bond não pretendia alterar fosse de que maneira fosse essa eficiência discreta. Certa manhã, May,

aparecera como sempre, e depois, no dia seguinte, tinha sido apresentado a Donalda. Seguiu-se um período de aprendizagem de duas semanas, durante o qual May e Donalda lhe tinham gerido a vida doméstica, e depois May saía e Donalda assumia o trabalho. Absolutamente nada na sua rotina doméstica sofrera alterações: o café era feito com a mesma intensidade de aroma, os ovos mexidos tinham a mesma consistência, as camisas eram engomadas de forma idêntica, as compras eram feitas, a casa era mantida imaculadamente limpa. Donalda entrara na sua vida como se desde a infância tivesse estado a praticar para aquele trabalho.

Bond entrou na sala. Os tapetes estavam enrolados, as grandes estantes vazias de livros – todos encaixotados e armazenados –, o soalho estava à mostra e a mobília reunida ao centro, protegida por lençóis. Sentiu o cheiro da tinta fresca. Tom Doig, o decorador, indicou a mancha de bolor no canto ocidental da sala, revelada quando se desviara uma secretária. Com relutância, Bond autorizou-o a investigar mais a fundo e passou um cheque de cento e vinte e cinco libras para cobrir o trabalho. Há anos que prometia a si próprio redecorar o apartamento. Gostava da sua casa – a escala e a localização – e não pretendia mudar-se. Além disso, o contrato de arrendamento só chegaria ao fim dali a quarenta e quatro anos. Bond fez contas rápidas: se durar tanto tempo, vou ter oitenta e nove anos, pensou. Algo que seria extremamente improvável, tendo em conta o seu trabalho... Depois ficou irritado consigo próprio. Porque estava a pensar no futuro? Era o momento presente que o intrigava e o satisfazia e, como que para o provar a si mesmo, passou uma hora a analisar o trabalho feito por Doig no apartamento, procurando falhas.

Quando por fim deixara Doig e a sua equipa profundamente irritados e frustrados, disse a Donalda para não se

preocupar com o jantar (ela ia para casa às seis) e deixou os decoradores a praguejar e a maldizê-lo.

A tarde estava soalheira e o dia agradável e fragrante. Caminhou tranquilamente para oeste, pela King's Road, a caminho do Café Picasso, pensando num almoço tardio. A King's Road estava apinhada, mas Bond percebeu que não se concentrava na procissão de transeuntes – a multidão de compradores, os afetados, os curiosos, os jovens descontraídos, vestidos como se a caminho de uma arlequinada fabulosa algures; um ruído, uma imagem aleatória trouxeram-lhe as recordações do sonho dessa manhã e regressara ao Norte de França em 1944, quando atravessava uma vetusta mata de carvalhos a caminho de um *chateau* isolado...

Para Bond, era como se o Chateau Malflacon tivesse sido vítima de um ataque de um *Hawker Typhoon*, no Dia D. A fachada clássica de pedra estava esburacada com os impactos dos *rockets* RP-3 do *Typhoon*, e a ala esquerda do edifício incendiara-se, estando as traves expostas e enegrecidas do telhado ainda a fumar ao sol fraco. Num quadro bizarro, um pônei *Shetland* jazia morto no relvado oval cercado pela estrada de acesso de saibro. Não havia veículos à vista e tudo parecia calmo e deserto. Os elementos da BRODFORCE acoraram-se entre as árvores do parque em torno do *chateau*, à espera de que o major Brodie perscrutasse o edifício com o binóculo. Bond lembrava-se de que os pássaros cantavam bem alto. A leve brisa soprava fresca.

Depois, o major Brodie sugeriu que o cabo Dave Tozer e Mr. Bond contornassem as traseiras do *chateau* e vissem se havia sinais de atividade nessa zona. Teriam dez minutos antes que os restantes homens entrassem pela porta principal, ocupassem o perímetro e dessem início às buscas.

Estava o mesmo sol fraco e difuso, recordou Bond, ao aproximar-se do Café Picasso – fora isso que o levava a pensar

naquele 7 de junho: a claridade suave, amarelada, pacífica. Ele e Dave Tozer tinham percorrido as árvores e corrido ao longo de um bloco de estábulos vazios até darem com eles num pomar de generosas dimensões, deixado ao abandono, com sessenta ou setenta árvores – macieiras, marmeleiros e pereiras na sua maioria, mas com algumas cerejeiras, as quais exibiam já alguns frutos avermelhados.

– Olhe só para isto, Mr. Bond – dissera Tozer com um sorriso. – Vamos aproveitar antes que os outros cheguem.

Bond levantara a mão num sinal de alerta – sentira o cheiro de fumo de madeira e julgara ter ouvido vozes do outro lado do pomar. Tozer, no entanto, já avançara para se presentear com as cerejas brilhantes. O pé esquerdo afundou-se numa lura e o tornozelo estalou com um ruído forte, como lenha seca lambida por uma chama.

Tozer gemeu de dor, mas conseguiu não gritar. Também ele, agora, discernia as vozes. Chamou Bond com um gesto e murmurou: «Leve a minha *Sten*.» Bond estava armado: tinha um revólver *Webley* .38 no coldre, à cintura, que entregou a Tozer, com alguma relutância. Pegou na *Sten* do cabo e avançou cautelosamente pelo pomar, em direção às vozes masculinas...

Bond sentou-se a uma mesa na esplanada do Café Picasso, a mente distraída. Olhou para a ementa e obrigou-se a concentrar-se, tendo pedido à empregada uma dose de lasanha e um copo de *valpolicella*. Acalma-te, disse para consigo, isso aconteceu há um quarto de século... Mas as imagens que invocava eram tão nítidas como se tivessem acontecido há uma semana. As cerejas gordas e brilhantes, o esgar no rosto de Dave Tozer, o cheiro a madeira e o som de alemães a conversar – tudo isso lhe chegava claramente.

Forçou-se a olhar em volta, satisfeito com a diversão oferecida pela clientela excêntrica do Café Picasso – as jovens

de olhos escuros nos seus vestidos curtos; os jovens de cabelo comprido no seu veludo e casacos de pele de cabra. Comeu o almoço tardio e manteve o olhar nas movimentações, distraído com as idas e vindas. Pediu mais um copo de vinho e um café expresso, e admirou os pequenos seios da rapariga da mesa ao lado, claramente visíveis através do tecido transparente da blusa. Afinal de contas, a moda moderna tinha as suas vantagens, pensou Bond, animado com a sensualidade inconsciente da cena. A jovem da blusa transparente beijava agora o namorado com um entusiasmo notório, a mão dele estava tranquilamente apoiada na coxa da parceira.

Bond acendeu um cigarro e deu consigo a pensar na mulher do Dorchester – Bryce Fitzjohn – e na série de encontros que tinham tido ao longo das últimas doze horas, mais ou menos. Deveria desconfiar de alguma coisa? Debateu várias explicações e concluiu que as improbabilidades eram demasiado atraentes. Como poderia ela saber que Bond estava no Dorchester? Como poderia ela estar no elevador quando decidira tomar o pequeno-almoço na sala de jantar? Impossível. Bem, impossível, não, mas extremamente improvável. É verdade que podia ter esperado no átrio até que ele saísse... Mas nada disso batia certo. Tirou o cartão do bolso. Viu que ela vivia em Richmond. Uma festa às seis horas, com amigos «divertidos e interessantes»...

Bond apagou o cigarro e pediu a conta. Apercebeu-se de que estava a pensar no corpo elegante e atraente daquela mulher. Sentiu um breve estremecer de desejo no estômago e no baixo-ventre. Luxúria, era a palavra exata. O instinto pré-histórico – *esta é para mim*. Via-se obrigado a reconhecer que há muito não se sentia assim. Era uma mulher muito atraente, pensou com os seus botões, e, mais concretamente, ela também o considerava atraente. Talvez a devesse investigar um pouco

mais – afinal de contas, seria o procedimento certo – e talvez os deuses da sorte estivessem a conspirar para lhe enviar um presente de aniversário. Deixou uma nota de libra e algumas moedas para pagar a conta e deixar gorjeta, encaminhou-se para a King's Road e chamou um táxi.